

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Carlos Chambelland



Carlos Chambelland

O pintor Carlos Chambelland é um artista cioso das suas prerogativas, que colloca a sua arte num nobre e elevado plano, do alto do qual olha o mundo. Não age por attitude, senão por exacta percepção do papel que ás artes cabe desempenhar nas sociedades, factores primordios que ellas são de todos os valores sociaes. Dentro do conceito taineano de que o mundo é a criação do artista, o Sr. Carlos Chambelland procura dignificar a pintura, dando-lhe quanto de esforço e bôa vontade a sua capacidade produz. Parece, assim, um convencido da força valiosa do seu saber. E, entretanto, não o é. As attitudes que ás vezes lhe podem ser arrogadas como pretenciosas, nada mais são do que uma justa medida de dignidade profissional.

Palpando e conhecendo a resistencia da espessa crôsta de ignorancia brasileira, no tocante ao conhecimento das artes, o Sr. Carlos Chambelland, impossibilitado de modificá-la, torna-a mais branda, diminui-a, soffre e recolhe-se á sua personalidade, defendendo-a com uma grande fortaleza moral, das influencias corruptoras do meio. Dahi lhe advem aquelle aspecto de homem pouco dado a intimidade, de principe em villegiatura, exilado. Isso tudo, entretanto, desaparece quando esse artista, sincero dentro da parcella de força social que representa, abre junto de um amigo o seu coração ou externa junto de um homem, no qual sente as mesmas vibrações da sua natureza apaixonada, os pensamentos que acarinha, as impressões que o seu cerebro galvaniza, as idéas de arte que concebe. Conversando-se com o Sr. Carlos Chambelland, sente-se o ardente patriota e o vigoroso artista, em lucta constante para approximar, fundir, as duas personalidades, no interesse da arte, de maneira que possa ser estudado o typo brasileiro, a vida brasileira, nas suas manifestações de intimidade, no seu ambiente peculiar, nos pequenos nadas da vida do povo, que infundem uma característica pessoal á nossa gente, definindo-a perfeitamente, em meio á onda invasora de cosmopolitismo, de estrangeirismo, que vae destruindo, uma a uma, todas as tradições da raça incipiente que começou a formar-se no seculo XVII e de que a Batalha de Guararapes é bem o symbolo, exacto e tangivel, na pintura brasileira, como ha dias lembrou, com muita felicidade, o pintor Eduardo de Sá. Vem dessa lucta formidavel, a que o seu espirito se entrega, este doce orgulho que o domina e aquella ironia amavel, que nem a elle proprio se poupa, que o fez dizer, quando posou para a nossa lente photographica, chamando a esposa a um canto:

— Olha bem, vou entrar agora mesmo para a celebridade...

AS NECESSIDADES DA ARTE NO BRASIL E A ATROPHIA DO MEIO CONVENCIONAL

Chegámos á residencia do pintor Carlos Chambelland justamente ao meio-dia, com aviso prévio e hora marcada.

O lar do artista se nos abriu carinhosamente, offerecendo-nos excellente impressão de bem-estar. Bem postos em confortavel poltrona, depois de termos percorrido o "atelier", onde nesse momento pouco trabalho se depara, porquanto o artista vem empregando a sua actividade em decorações, que lhe absorvem todo o tempo, procurámos ouvil-o sobre arte em geral e, em particular, sobre o que se vae fazendo, no Brasil, no sentido de estimulal-a, desenvolvel-a ou renoval-a.

E' o artista que fala:

— O meio artistico brasileiro lucha com as maiores difficuldades para se manter. São-lhe hostis a incultura e o atrazo em geral e, talvez mais do que isto, a ignorancia crassa, no tocante ás artes plasticas, das chamadas "élites". Talvez ouça essa affirmativa pela primeira vez, pois, eu lh'a offereço com sinceridade e conhecimento de causa, que antes não os tivesse. As "élites", no Brasil, são deploravelmente ignorantes e, do alto da sua ignorancia, não trepidam em nos assacar, a nós outros, artistas, os qualificativos que lhes ficam bem applicados. Julgam-nos e proclamam-nos pouco menos de analfabetos, quando, na hypothese, os analfabetos devem ser elles, que desconhecem o esforço elevado que praticamos para dar ao Brasil uma arte, o que quer dizer uma das amostras mais completas e complexas da civilização em geral. O artista vence, porque é forrado de fortes qualidades, que violentam a resistencia do meio. O seu trabalho, os seus recursos, colhidos em esforço permanente e postos em prova todos os dias, dão-lhe uma excepcional resistencia para supportar e vencer todos os entraves offerecidos á sua actuação, conferindo-lhe um amavel logar de relevo dentro da propria vida. Mas a lucha que o artista sustenta é titanica e gasta-o, consome-o, roubando-lhe o mais precioso das energias. Resulta, então, que o artista, sem calculo, sem segunda intenção, vê a necessidade de isolar-se, de viver para o seu trabalho e para a sua familia, não podendo dar á sociedade tanto quanto devia, de cooperação social. Isto, que constitue um prejuizo para a sociedade, é um mal muito maior para a vida da arte. O artista precisa de emoção, de ambiente, para produzir. Não é possivel pintar boas obras sem que, primeiramente, o espirito as tenha sentido. E, para que o espirito as produza, torna-se necessario fornecer-lhe o momento, a circumstancia propicia, em que a idéa se gere e desenvolva. A sociedade brasileira não nos proporciona esse momento e não nos póde, por isso, exigir obra definitiva. Outros collegas já disseram, com segurança, da divergencia de meio estabelecida entre a Monarchia e a Republica. Estou plenamente de accordo e sinto que as condições, realmente, não nos favoreçam. As "élites" dominantes na Monarchia recebiam o influxo directo de um grande monarcha sabedor, e o acompanhavam, por esse ou aquelle motivo, nas preferencias. Como este era uma personalidade simultaneamente de sabio e de artista, resultava que as artes e as sciencias eras prestigiadas pelas "élites". Na Republica, o contrario tem occorrido. O politico profissional fez-se por outros processos, e este con-

cidadão nunca tem tempo que sobre para prestar atenção ás coisas de sentimento e de arte. Não é por má vontade, por outro impulso inferior, que isto acontece. O politico desprestigia a arte porque o politico, nesse particular, é lamentavelmente atrasado. Não sabe nada, é de uma ignorancia que irrita e justamente revolta. Mas não é só o politico. São, mais ou menos, todas as outras classes, em geral. E' o jornalista, o homem de letras, o escriptor, o diplomado das profissões liberaes. Não quero arrazar, nem estou tomando vindictas. Quero pintar, com côres exactas, uma situação de facto existente.

Deseja uma prova?

Conversando eu, certa vez, com um dos nossos escriptores mais conhecidos, extra-Academia, sem elle saber que eu era artista, sahiu-se-me com esta:

— Nós, homens de letras, não convivemos com os artistas porque elles são ignorantes, não sabem nada; alguns nem mesmo escrever...

Não me contive e retorqui-lhe com energia, descobrindo a minha qualidade e censurando a elle e aos que, da mesma maneira, pensavam.

Agora quer conhecer o fundamento que apresento, relativamente ao conceito emitido sobre os politicos?

As exposições dos artistas brasileiros pouco conhecem esses senhores, que primam quasi inteiramente pela ausencia. Não adquirem e não comparecem para vêr. Ora, quando nós expomos, não é só para vender: é igualmente para mostrar, ensinar, educar. E não desejamos ser procurados sómente por quem compre. Muito ao contrario, preferimos o visitante que entenda de arte, observe, indague, pergunte, critique... Pois, acredite, num grupo ou noutro, são raros, rarissimos, apparecerem os homens publicos do Brasil. Primam pela ausencia...

ESPELHO DE INCULTURA BRASILEIRA

— Quer conhecer um dos aspectos impressionantes por onde se revela a falta de cultura no Brasil?

Na maneira por que nos adquirem os quadros. Aqui, compra-se um quadro, dizendo-se, geralmente, "vamos ajudar o artista", e não é senão com estas palavras desagradaveis e depreciativas, que nos facilitam qualquer encomenda, decoração de edificio publico ou particular.

E' justo?

Não. Quem precisa da sua casa ou da sua repartição, ornamentada a pintura, só tem a fazer é contractar o artista que execute a obra, esquecendo a preocupação de "ajudal-o" ou não. No caso, é evidente não poder justificar-se o emprego daquella palavra ou expressão. E' perfeitamente irritante e falsa. Quem tem sua casa para decorar só ao artista póde confial-a, se é pessoa de gosto e sabe o que quer fazer. Ninguem contracta o engenheiro para construir ou o medico para defender a saude, com a intenção preconcebida de "ajudar ou não" o medico ou o engenheiro. O que se quer é o clinico ou o especialista competente e o engenheiro aprimorado. Indaga-se de tudo, menos de "ajudar" o medico ou o engenheiro. São exactamente attributos que a escolha não comporta. Pois o mesmo acontece com o artista, porque se fossemos entregar a decoração visando "ajudal-o", sacrificaríamos, muita vez, a perfeita concepção

daquillo que idealizáramos e teríamos, em vez de obra de arte, obra de fãncaria. E é justamente o que não acontece. Ninguém, pois, tem a preocupação de "ajudar" o artista. Todos querem é tirar do artista o que elle possa dar. Esta palavra ou expressão, cahida em gyria, é mero vezo, producto da ignorancia do meio que, não sabendo comprehender a complexidade de um espirito de artista, monta-se no crasso e lamentavel desconhecimento da materia e de lá se arvora em protector, em amparo, guia ou que melhor nome tenha, de um elemento que, quasi sempre lhe está intellectualmente muito ao alto, para fulminal-o com uma protecção não pedida, nem desejada, que argumento nenhum justifica, ou simplesmente explica.

E' assim o meio artistico no Brasil e é facil calcular que desta maneira não é possivel conseguirmos muita coisa em nossa terra. O que ha é esforço exclusivamente nosso e bem poucas vezes temos sido assistidos, como agora o estamos sendo, pelo senhor, que nos procura, no interesse sincero de fazer uma obra verdadeiramente sympathica, de confraternização dos artistas do Brasil.

O ISOLAMENTO DO ARTISTA E OS MEIOS CAPAZES DE ELIMINAL-O

E continúa o artista:

— Por que vivemos tão isolados, tão separados, em nosso paiz? Por que nos desconhecemos tanto?

E' desagradavel a explicação, mas já está dada acima. Pergunta-se, porém, se não haverá um meio de tentar uma formula mais pratica de aproximação, entre o mundo intellectual brasileiro, comprehendidos nessa organização elementos das artes plasticas, da musica, da litteratura, do jornalismo, das sciencias?

Ha e seria valioso serviço prestado á sociedade a sua organização. E não é muito difficil pôr em prova essa idéa. Quando eu era menino, havia na Casa Fertin, Vasconcellos, á rua do Ouvidor, onde eu era empregado, uma sociedade que realizava o ideal neste genero e, ainda hoje, seria perfeitamente actualizada, se alguns elementos a renovassem ou outros tentassem organizar uma igual. Nesta sociedade reuniam-se escriptores, jornalistas, poetas, esculptores e musicos e alli eu conheci os Bernardelli, Amoêdo, Nepomuceno, João Luso, Coelho Netto, Ferreira de Araujo, José do Patrocínio, Bilac, Arthur Napoleão, varios outros artistas e escriptores, a quem admirava e de quem me envaidecia, por passar algumas horas ao seu lado, como empregadinho do balcão. Os membros deste centro, que se intitulava Sociedade de Lettras e Artes, reuniam-se uma vez, todos os mezes, num jantar ou almoço, para o qual Bernardelli, Amoêdo e outros pintores desenhavam delicados "menús", verdadeiras obras primas. Nesses jantares, discutiam-se obras litterarias, obras de pintura e estatuaría. Trechos magnificos de musica eram alli ouvidos em primeira mão, constando as obrigações sociaes, apenas, da promoção destes agapes, pretexto de reunião, de permuta de idéas sobre artes em geral, procurando os consocios estabelecer um livre cambio de intelligencia e pensamento, de immediata utilidade para quantos faziam parte da aggremação.

Por que, pois, não tentar a organização de uma sociedade nesses moldes?

Nada de conferencias, discursos, concertos, exposições e sim um pouquinho de tudo, em torno de uma mesa, que podia ser a de um restaurante que se prestasse a esse genero de festas ou a de um dos nossos grandes hotéis. Alguma coisa parecida com o Rotary Club, com um pouco menos de formalismo inglez e um pouco mais de communicativa solidariedade latina.

Porque não fundarmos uma sociedade assim?

Olhe, até entre os proprios politicos, encontraríamos socios magnificos, para esse formoso sonho de arte.

Que socio interessante não seria esse espirito encantador de Gilberto Amado? E, acredito, não exista só este politico com qualidades de artista. Quando falo, respeito a fatalidade das excepções, que as ha, honrosas, em todas as classes, cultivando com carinhoso amor o nativo sentimento da arte.

A DIRECTRIZ DA PINTURA BRASILEIRA

— E as tendencias da nossa pintura, Sr. Chambelland?

— Devem ser peculiares ao nosso povo, á nossa inclinação nativista, á nossa natureza. Para pintarmos á maneira da Europa, com a technica da Europa, as scenas da Europa, não vale a pena trabalhar. Na Europa, tudo está feito em obras primas. A natureza européa é calma, de aspectos differentes dos nossos e parece que está nos dizendo: pinta-me. No Brasil, tudo se offerece á contemplação, com physionomia differente. A terra é selvagem, de aspectos ruidosos, deslumbrantes, num ponto; de desolação, de terras nuas, noutro; de rios enormes e montanhas colossaes, ainda em outros; de paisagem calma e macia, em certos trechos, que lembram o pittoresco de tractos europeus. Ora, não é possivel pintar essa natureza desigual, pelos mesmos methods por que se pinta a natureza européa. Tudo aqui pede nova technica, nova maneira, novos processos picturaes. E a geração actual de pintores brasileiros, vae comprehendendo essa necessidade, procurando, tacteante, attingir essa expressão pessoal, que ha de caracterizar a nossa pintura com os mesmos traços typicos differenciaes, das pinturas flamenga, hespanhola, franceza ou italiana. E como para essa obra de criação, é necessario em primeiro logar estudar o povo, no que elle offerece de mais typicamente regional, cumpre-nos perlustrar o interior pesquisando o que resta de original, não maculado pela influencia estrangeira, para tentar, verdadeiramente, a pintura brasileira, a arte nacional.

A orientação do pintor brasileiro, que pense commigo, neste ponto, tem de ser a procura do convivio da gente do norte, onde senti, — eu que sou carioca, aqui sempre vivi e só sahi duas vezes para a Europa — o verdadeiro espirito da nacionalidade, o orgulho de ter nascido aqui. O Rio e o sul do paiz estão muito trabalhados pela influencia estrangeira, o cosmopolitismo absorveu-nos tanto, que hoje, sómente no norte, se nos depara, em sua pureza inicial, o sentimento da patria aferrado á tradição, aos costumes, á vibração da alma do povo. Acredite, pela primeira vez envaedeci-me da minha nacionalidade, quando vivi tres annos — os melhores da minha vida — em Pernambuco, recebido com um carinho, com um affecto, que não são muito communs por aqui, no seio daquella gente, amiga e bôa, que se excede na propria gentileza para agradar ao hospede.

TRAÇOS RAPIDOS SOBBE A VIDA DO PINTOR

— E de sua personalidade, propriamente, Sr. Carlos Chambelland, que podemos contar?

— Nada, porque nada tenho de interessante. O que já lhe disse, e pouco mais. Nasci aqui no Rio, estudei bellas-artes como alumno-livre, durante cinco annos, frequentando o curso nocturno da Escola, as aulas de modelo vivo, de Zeferino da Costa. Para a minha formação artistica concorreu justamente a Sociedade de Lettras e Artes, porquanto me estimulou e encorajou, ao mesmo tempo que me permittia facilidades, que se me não deparariam sem ella. Foi a Sociedade que me approximou de Bernardelli e devido á intervenção de Fertin de Vasconcellos, Bernardelli facilitou-me possibilidades, no horario da Escola, permittindo-me estudar sem abandonar o emprego, de que necessitava, para me manter. Só não consegui conciliar os interesses de alumno matriculado com o emprego, de sorte que, tendo feito os preparatorios, não logrei matricula, por falta de tempo para dedicar á Escola. Fiz, porém, o curso como alumno livre, comecei a trabalhar, e obtive, no Salão, a Menção Honrosa de 2º gráo, em 1903; a Menção Honrosa de 1º gráo, em 1905; o premio de viagem, em 1907; a Pequena Medalha de Prata, em 1913; a Pequena Medalha de Ouro, em 1922.

Fiz tres exposições no Rio, uma logo após a minha chegada da Europa, duas mais tarde. Ainda expuz, em Recife, duas vezes, em Bello Horizonte, que então começava a se desenvolver, e em S. Paulo.

Voltei, novamente á Europa, com outros collegas, incumbido da decoração do pavilhão de Turim, demorando quasi todo o tempo na Italia. Estive na Belgica e na França, ahi quasi todo o tempo do pensionato. Regressando ao Brasil, fui a Pernambuco, onde o genio bom do povo e a intelligencia encantadora do meu amigo Dr. Carlos Lima me fizeram conhecer a terra e começar a amar fortemente o Brasil.